

JÁ NÃO GOSTO DE CHOCOLATES SOB A PERSPECTIVA DA REPRESENTAÇÃO: Da terceirense Serreta à californiana Tulare

Clique nas imagens para ampliar



Já não gosto de chocolates. Capa. Inglês.

Autor(a): Elomar Ghisleni | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema:

Referência geográfica do conteúdo: Açores, Portugal

Data de publicação: 31/03/2009

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

Neste artigo analisamos a obra "Já não gosto de chocolates" observando como, nela, foram representados a emigração e suas conseqüências como uma das marcas dos habitantes dos Açores.

CONTEÚDO

E numa manhã de agosto, lúcida de azul partiram com destino à América.
(OLIVEIRA, Álamo. Já não gosto... p.37)

Usando a teoria de Gérard Genette, a narrativa estruturalmente é desenvolvida pela ação de um narrador extradiegético-heterodiegético. Predomina um discurso narrativizado, em uma narrativa não-focalizada ou de focalização zero. Em relação ao ato narrativo e do ponto de vista da posição temporal há uma narração do tipo intercalado, isto é, entremecendo momentos da ação.

Quem o visse ali a dormir, com as mãos pousadas sobre as pernas, chagado por múltiplas faltas de paciência, não adivinharia o que fora nem a vontade que ousara ter. Desde menino que se entregara à luta... Em criança aprendeu a cavar a terra, a dar-lhe a semente, a colher os frutos (p.17).

A narrativa organiza-se a partir do tempo e do espaço ficcionais. Através de constantes analepses, o narrador refaz o percurso da vida inteira de Joe Sylvania e narra as peripécias de sua família desde 1955 até o final do romance, presumivelmente em 1995. A família de José Silva, composta pelo casal e quatro filhos, emigrara naquele ano da ilha Terceira dos Açores para Tulare, na Califórnia. Nos seus oitenta e dois anos desfilam diante de seus olhos as lembranças de todos os momentos marcantes de sua vida, em constantes retornos a um passado repleto de dificuldades, esperanças, lutas, conquistas, decepções: "transformara-se numa espécie de memória cristalizada (p.13)".

O espaço da diegese atual é um quarto de trinta metros quadrados num rico asilo, em Tulare, que se multiplica através das lembranças da vida na ilha Terceira, das duas viagens de recreio ao arquipélago e dos lugares que conheceram na América.

Da janela daquele quarto Joe Sylvania observava Tulare de sua memória, centrada no Vale de San Joaquim da imensa Califórnia. Porém, já nada tinha a ver com a cidade que encontrara há quarenta anos atrás (p.11).

Da vida da ilha o velho patriarca bem se recorda: a infância difícil e sofrida, a voz do pai mandando cuidar o gado alheio em troca de pão e leite, o namoro, o serviço militar, o casamento, filhos:

Estavam ali, bem no norte da ilha, tocados a vento e a sol e, por vezes, a tempestades, resistindo com solidariedade instintiva, (...). Cumpriam o calendário da vida apegados a devaneios pontuais: a festa do padroeiro, o carnaval, as domingos do Espírito Santo, as touradas do verão,... (p.29)

A lembrança da primeira viagem à ilha há apenas cinco anos de emigrados, abre um espaço ficcional por onde circulam os membros da família Sylvania percorrendo todos os lugares deixados para trás. "Só que, agora, tudo parecia mais pequeno, mais triste e mais vazio (p.50)."

Com a segunda viagem, somente do casal, quinze anos depois, veio a certeza do rompimento definitivo com aquele espaço telúrico e afetivo. Estava tudo tão diferente que Mary ironizou: "Imaginem que, agora, até são governados por comunistas" (p.64), tendo em vista que a viagem ocorreria após a Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974, em Lisboa.

Na América multiplicam-se os espaços freqüentados pela memória infalível do ancião, desde os bares, igrejas e comunidades portuguesas de Tulare até um pouco mais distante, em Gustine, que por três dias se transformava na Serreta da Terceira em faz de conta (p.106). Para lá, anualmente, se dirigiam os ilhéus de toda a Califórnia arrastados pela saudade e pelas festividades à moda da ilha, com suas alcatras, massas sovadas e a Senhora dos Milagres, "cada vez mais milagrosa e rica" (p.106). Neste espaço era possível saber das últimas novidades da ilha, reviver as chamarritas e cantorias, aventar prosápias e fortunas. "Em Gustine, era tudo a fingir que. Mas era a imitação possível (p.107)".

A sucessão temporal, equilibrada entre presente e passado, estabelece uma dialética, cuja sensação é de uma mesma temporalidade. São quase cinco décadas a fluir por um discurso que pondera entre o agora e o antes do protagonista num vaivém ao passado em igual medida. A situação presente de Joe Sylvania, doente de cadeira de rodas, dera-se em circunstância por ele inesperadas. Viúvo, faz seu testamento e declara aos filhos que deseja viver num asilo. Entretanto, ao contrário de sua expectativa, recebe fria e tácita concordância de todos e, a partir daí, limita-se àquele quarto e à janela em frente. "Daquela quarto de sua escolhida solidão, partia para o passado, bêbado desse viajar por dentro. E deixava-se flutuar na realidade do sonho (p.111)."

O tempo passado é trazido constantemente por meio das incursões de Joe Sylvania ao mais recôndito de suas lembranças. Amiúde, abre o cofre secreto de sua memória, visitando-a e revisitando-a como quem tem somente um único caminho a seguir: o da volta ao passado quase sempre saudoso, muitas vezes sofrido e sempre distante.



Álamo Oliveira.



Chocolates



Tulare. CA.